



Imagem gerada por IA (Midjourney) a partir dos termos: queer psalm, gender multiplicity

SALMO QUEER:

LINGUAGEM E MULTIPLICIDADE DO GÊNERO

Geraldo Lucas Lopes Ferreira  [0000-0001-9227-1569](https://orcid.org/0000-0001-9227-1569)

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil

Resumo

Este artigo tem como objetivo investigar a influência das perspectivas *queer* nas discussões sobre gênero, sexualidade e linguagem. Partindo da premissa de que esses conceitos vêm sendo alvo de campanhas ideológicas de normalização de corpos pelo Direito, os estudos críticos *queer* surgem enquanto campo de pesquisa que visa desestabilizar as estruturas de poder baseadas na cisheteronormatividade. Diante desse cenário, a linguagem se apresenta como importante meio de formação das identidades de gênero tradicionais, mas também como um caminho para a multiplicidade das categorias binárias de gênero. Para abordar esse tema, emprega-se uma estratégia metodológica de revisão bibliográfica focada nos estudos *queer* e na influência da linguagem, a partir das contribuições dos pensadores Michel Foucault, Paul Preciado, Judith Butler e Monique Wittig. Conclui-se que as perspectivas *queer*, quando aplicadas à linguagem, podem se transformar em uma ferramenta poderosa para desconstruir o binarismo de gênero.

Palavras-chave

Queer; linguagem; multiplicidade do gênero; poder.

QUEER PSALM: LANGUAGE AND GENDER MULTIPLICITY

Abstract

This article aims to investigate the influence of queer perspectives on discussions about gender, sexuality and language. Based on the premise that these concepts have been the target of ideological campaigns to normalize bodies, critical queer studies emerge as a field of research that aims to destabilize power structures based on cisheteronormativity. Given this scenario, language presents itself as an important means of forming traditional gender identities, but also as a path to the multiplicity of binary gender categories. To address this topic, a methodological strategy of bibliographic review focused on queer studies and the influence of language is used, based on the contributions of thinkers Michel Foucault, Paul Preciado, Judith Butler and Monique Wittig. It is concluded that queer perspectives, when applied to language, can become a powerful tool to multiply gender binarism.

Keywords

Queer; language; multiplicity of the genre; power.

Submetido em: 31/10/2023

Aceito em: 06/03/2024

Como citar: FERREIRA, Geraldo Lucas Lopes. Salmo *queer*: linguagem e multiplicidade do gênero. (des)troços: revista de pensamento radical, Belo Horizonte, v. 4, n. 2, p. e48633, jul./dez. 2023.



Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Introdução

A compreensão do gênero, da sexualidade e do seu papel na sociedade tem passado por uma notável evolução ao longo da história. Durante muitos anos, o sexo foi alvo de intervenções e campanhas morais que visavam impor padrões de licitude e normalidade.¹ No entanto, observamos uma transformação parcial² do que antes era considerado um tabu, sujeito a inúmeras intervenções morais e ideológicas. A partir disso, esse estudo propõe uma análise *queer* (re)moldada pelos pensadores Michel Foucault, Paul Preciado, Judith Butler e Monique Wittig, que desafiaram as visões convencionais e tradicionais e nos conduzem a uma compreensão mais subversiva das (des)identidades.

Busca-se demonstrar que o pensamento foucaultiano não se limitou a explorar a invenção da sexualidade humana, mas concentrou-se em entender como ela opera no tecido social, como forma de saber/poder. Foucault lançou luz sobre a genealogia da sexualidade como um dispositivo de poder que regulamenta, inova e controla de maneira detalhada os corpos e as populações: o dispositivo de sexualidade.

As contribuições de Foucault acerca desse dispositivo ajudarão no desenvolvimento dos debates sobre as perspectivas *queer*. Nesse momento, será realizada uma revisão bibliográfica acerca da teoria *queer*. Levará em consideração a origem dessa teoria e os seus principais desafios com relação às normas de gênero e a sexualidade, destacando a sua natureza não conformista e sua ênfase na desconstrução. Busca-se demonstrar que a teoria *queer* não se trata de uma única escola de pensamento, mas sim de uma diversidade de abordagens que questionam as hierarquias sociais. Pretende-se apontar que o campo teórico-político *queer* ressignifica as (des)identidades abjetas e desafia a conformidade, apresentando-se como uma ferramenta de contestação e desconstrução de categorias de gênero e sexualidades cisheteronormativas.

¹ No Brasil, a datar do período colonial, a criminalização dos atos sexuais entre homossexuais, antes denominadas "sodomia", tornava-os alvos de sanções cruéis, conforme o Código Penal das Ordenações Filipinas. Apesar de o Código Penal do Império de 1830 ter desconsiderado a prática de sodomia como crime, foram desenvolvidas outras formas de punir a homossexualidade no Brasil. O homossexual deixou de ser visto apenas como criminoso e "foi transformado na figura patológica do perverso ou anormal" (SPARGO, *Foucault e a teoria queer*, p. 20), subjugando-lhes a métodos terapêuticos de "cura". A homossexualidade foi incluída sob o termo "homossexualismo" (o sufixo ismo indica a classificação de doença) em três revisões da Classificação Internacional de Doenças (CID), da Organização Mundial de Saúde (OMS), transitando entre as categorias de "personalidade patológica" e "desvio e transtornos sexuais". Porém, a revisão, que manteve a homossexualidade na CID, foi alvo de inúmeras críticas dentro dos campos da medicina, psiquiatria e psicologia, sendo rejeitada também pelos movimentos homossexuais de vários países, incluindo o Brasil, por intermédio do Grupo Gay da Bahia, que em 1985 fez pressão frente ao Conselho Federal de Medicina (CFM) para o banimento do termo homossexualidade de sua lista de distúrbios. No entanto, o reconhecimento internacional da despatologização da homossexualidade por parte da OMS só foi alcançado em 1990 (GAMA, *Cura Gay?* p. 9).

² A título de exemplo, nos últimos anos, os agentes do controle social (policiais, religiosos, tribunais de justiça e governantes) foram responsáveis por disseminar pânico morais (COHEN, *Folk Devils and Moral Panics*, 1972) contra materiais didáticos que visavam combater a homofobia nas escolas, ocasião em que os empreendedores morais difundiram a noção de "Ideologia de Gênero" e a perseguição de exposições artísticas e de pensadores que incluíam a abordagem de gênero e sexualidade em seus trabalhos (como o fechamento do Queermuseu em Porto Alegre e a vinda de filósofa Judith Butler ao Brasil em 2017).

Após o aprofundamento nos (des)conceitos *queer*, será proposto um debate com a instituição do Direito, com vistas a observar como este se apropria do binarismo de gênero para reconhecer como natural e biológico apenas os corpos que aderem às categorias masculinas e femininas, por meio do uso de uma linguagem hegemônica. Nesse contexto, o Direito acaba por oprimir corpos que não se conformam às normas de gênero-queer.

Por fim, pretende-se realizar considerações sobre o uso da linguagem a partir dos estudos de Monique Wittig, com a finalidade de demonstrar como aquela desempenha um papel crucial na perpetuação das identidades cisheteronormativas, e também como um meio capaz de desconstruir, reconstruir e desafiar a lógica binária, por meio da multiplicidade de gênero.

1. Dispositivo de sexualidade

Por muitos anos, o sexo foi tema de diversas intervenções e campanhas ideológicas de moralização e normalização. O dispositivo de sexualidade de Foucault explica bem esses processos de licitude/ilicitude; normal/anormal e o permitido/proibido: "o dispositivo de sexualidade tem, como razão de ser, não o reproduzir, mas o proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global".³

O filósofo argumentava que a sexualidade não é um aspecto ou fato natural da vida humana, mas uma categoria da experiência que foi construída e que tem origens históricas, sociais e culturais, mas não biológicas. Diferente dos pesquisadores da época que perseguiam a "verdade" ilusória da sexualidade humana, Foucault buscou examinar como a produção da sexualidade contribui na manutenção de relações específicas de poder.

O filósofo estava mais interessado em entender como a sexualidade funciona na sociedade do que saber o que ela realmente é na perspectiva natural. Ao definir a sexualidade como um dispositivo histórico do poder, Foucault "faz um movimento duplo: desnaturalizá-la como resultado de relações de poder e identificar o foco no desejo como aquilo que as inviabilizou, permitindo que operassem".⁴

Durante a *História da Sexualidade I: a Vontade de Saber* (1976), Foucault menciona que por muito tempo a sociedade associou o sexo ao pecado. A antropóloga Gayle Rubin, no ensaio *Thinking Sex* (1992), realiza reflexões acerca dessa afirmação feita por Foucault, a partir do período da moralidade vitoriana, época em que campanhas educacionais e políticas de castidade, combate à prostituição e desestímulo à masturbação eram promovidas.

A ideia de que a masturbação seria uma prática nociva para a saúde é parte dessa herança. No século XIX, era comum pensar que o interesse "premature" no sexo, na excitação sexual e, sobretudo, no orgasmo prejudicaria a saúde e o desenvolvimento da criança. As posições dos teóricos diferiam quanto às consequências reais da precocidade sexual. Alguns pensavam que ela levaria à loucura, enquanto outros simplesmente supunham que ela prejudicaria o crescimento. Para proteger os jovens

³ FOUCAULT, *História da Sexualidade I*, p. 101.

⁴ MISKOLCI, *Teoria queer*, p. 87.

de uma excitação prematura, os pais amarravam as crianças à noite para evitar que se tocassem; médicos amputavam o clitóris de meninas que se masturbavam. Ainda que as mais horríveis dessas técnicas tenham sido abandonadas, as atitudes que as produziram permanecem. A ideia de que o sexo *per se* é prejudicial aos jovens está inculcada em estruturas sociais e legais cujo objetivo é mantê-los afastados do conhecimento e da experiência do sexo.⁵

No entanto, a partir do fim do século XIX, houve a colocação do sexo em discursos, transferindo-o do processo de restrição para um mecanismo de incitação, a fim de construir uma ciência da sexualidade. Desse modo, a incitação dos discursos sobre o sexo prevê que este seja falado publicamente, de uma maneira que não seja ordenada em função da demarcação entre o lícito e o ilícito: "cumpre falar do sexo como de uma coisa que não se deve simplesmente condenar ou tolerar, mas gerir, inserir em sistemas de utilidade, regular para o bem de todos, fazer funcionar segundo um padrão ótimo".⁶

A Revolução Sexual emergiu entre o final da década de 1960 e o início dos anos 1980, período em que boa parte das sociedades ocidentais vivenciou uma inflexão histórica na compreensão da sexualidade, do desejo e das possibilidades relacionais. Nessa época, movimentos feministas se organizaram em torno da demanda pelo direito à contracepção, à interrupção da gravidez e ao prazer sexual. Nos Estados Unidos, a luta pelos direitos civis dos afro-americanos conseguiu revogar as leis que impediam casamentos inter-raciais. Homossexuais, por sua vez, lutaram pela despatologização da homossexualidade e sua descriminalização.⁷

Os estudos sobre sexo-gênero começaram a ganhar destaque após a Revolução Sexual, com livros como *Sex and Gender* (1968), de Robert Stoller e *O Segundo Sexo* (1980), de Simone de Beauvoir. A famosa frase de Beauvoir: "ninguém nasce mulher; torna-se mulher" tornou-se uma das expressões mais utilizadas nos debates e estudos de gênero, uma vez que "fazer-se mulher dependia das marcas, dos gestos, dos comportamentos, das preferências e dos desgostos que lhes eram ensinados e reiterados, cotidianamente, conforme normas e valores de uma dada cultura".⁸ A frase de Beauvoir concebe a visão do gênero como algo *a ser* "construído".

Judith Butler nos aponta, no entanto, que "não há nada em sua explicação [de Beauvoir] que garanta que o "ser" que se torna mulher seja necessariamente fêmea".⁹ Para ela, a ideia de que o sexo é algo natural também é contestável. "[Talvez] o próprio construto chamado 'sexo' seja tão culturalmente construído quanto o gênero; a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nula".¹⁰ Anne Fausto-Sterling contribui com o raciocínio de Butler, quando diz:

Na maioria das discussões públicas e científicas, o sexo e a natureza são considerados reais, e o gênero e a cultura são vistos como construídos. Mas trata-se de falsas dicotomias. Começo com os marcadores mais visíveis e exteriores do gênero – os órgãos genitais – para mostrar como o sexo é, literalmente, construído. Os cirurgiões removem partes e usam plástico para criar órgãos genitais

⁵ RUBIN, *Políticas do sexo*, p. 56.

⁶ FOUCAULT, *História da Sexualidade I*, p. 27.

⁷ MISKOLCI, *Teoria queer*, p. 86.

⁸ LOURO, *Gênero e sexualidade*, p. 17.

⁹ BUTLER, *Problemas de gênero*, p. 29.

¹⁰ BUTLER, *Problemas de gênero*, p. 27.

"apropriados" para pessoas nascidas com partes do corpo que não são facilmente identificáveis como masculinas ou femininas.¹¹

É possível notar, por meio da fala de Fausto-Sterling, que o sistema sexo/gênero nada mais é do que um sistema de escrituração corporal. "Os usos do corpo conduzem a uma desconstrução da ideia de corpo como 'dado', que é substituída por corpo como "construção".¹² O corpo é visto como um texto socialmente construído,¹³ ou seja, "uma folha em branco ou arquivo orgânico da história da humanidade, como história da produção sexual, de modo que certos códigos se naturalizam ou ficam elípticos e outros são sistematicamente eliminados ou riscados".¹⁴

2. Teoria queer

Os livros e a vida de Michel Foucault foram um dos pontos de partida para os/as teóricos/as *queer*. Tamsin Spargo (2017) argumenta que a afirmação de Foucault de que a origem da homossexualidade surgiu nos anos de 1870, e não na Grécia antiga, serviu como catalisador para o desenvolvimento da teoria *queer*. Assim, a categoria da homossexualidade deve ser vista como uma categoria construída do saber e não como uma identidade descoberta.¹⁵ Assim, a invenção do homossexual e da sexualidade como dispositivo de poder baseado em discursos de regulação e disciplina, agora ganha novas análises e críticas *queer*.

Embora a origem da teoria *queer* seja dispersa, ela começou a se desenvolver em meados dos anos oitenta nos Estados Unidos. Isso ocorreu quando o surgimento da epidemia de HIV/AIDS gerou um dos maiores pânicos morais e sexuais de todos os tempos.¹⁶ Foi Teresa de Lauretis (1991), durante uma conferência na Califórnia, quem empregou pela primeira vez a denominação *Queer Theory* para distinguir o empreendimento *queer* dos estudos de gênero e sexualidade. Vale lembrar que o termo "*queer*", quando traduzido para a língua portuguesa, significa "bizarro", "esquisito", "estranho" e "ridículo",¹⁷ sendo originalmente um xingamento em inglês usado pejorativamente para injuriar qualquer pessoa que não se conforma às normas hegemônicas de gênero e sexualidade.

Potência *queer* reside em seu caráter vadio e subversivo, incorporando atitudes de insubordinação prática e teórica não convencional. Tentar definir o *queer* como uma escola de pensamento implicaria enquadrá-lo e domesticá-lo. Portanto, o mais interessante é destacar o que essa teoria faz ou oferece como crítica, visto que a "teoria *queer* não é um arcabouço conceitual ou metodológico único ou sistemático, mas sim um acervo de engajamentos intelectuais com as relações entre sexo, gênero e desejo sexual".¹⁸

¹¹ FAUSTO-STERLING, *Dualismos em duelo*, pp. 77-78.

¹² STANCIOLI, *Corpo, Informação e tecnociências*, p. 20.

¹³ PRECIADO, *Manifesto Contrassexual*, 2017

¹⁴ BENTO, *A reinvenção do corpo*, p. 87.

¹⁵ FOUCAULT, *História da Sexualidade I*.

¹⁶ MISKOLCI, *Pânicos morais e controle social*, p. 22

¹⁷ LOURO, *O corpo estranho*, p. 38

¹⁸ SPARGO, *Foucault e a teoria queer*, p. 13.

O que quero demonstrar é como a teoria *queer*, em seu sentido mais radical, pode contribuir para o desafio de desenvolver novas orientações éticas que não se baseiam em fundamentos que excluem e marginalizam. O sujeito *queer*, pensando e escrevendo a partir de uma identidade fraturada ou extática, que está abaixo, atrás e diante da ilusão de completude, está plenamente disponível apenas para alguns em sociedades brancas heteronormativas. Ele ocupa um lugar (embora deslocado) para reagir de forma diferente ao Outro e aos outros e para oferecer um modelo para o possível posicionamento do sujeito religioso, para fiéis de crenças sem fundamento.¹⁹

Judith Butler entende que o termo *queer* não designa uma identidade, mas uma aliança, e é um bom termo para invocar quando fazemos alianças imprevisíveis e desconfortáveis na luta pela justiça social, política e econômica.²⁰ Da mesma forma, Guacira Lopes Louro adverte que “às vezes, o *queer* é utilizado como um termo síntese para se referir, de forma conjunta, a gays e lésbicas”.²¹ No entanto, esse uso é pouco sugestivo em relação à amplitude de implicações políticas envolvidas na escolha deste termo, que é usado precisamente para marcar (e distinguir) sua posição anti-assimilacionista e anti-normativa. Nesse sentido, Paul Preciado define a teoria *queer* como uma teoria de empoderamento dos corpos subalternos e não um empoderamento assimilacionista.²²

Além disso, Preciado pormenoriza uma visão sobre o corpo como biopoder,²³ quando utiliza a expressão “contrassexualidade”, a qual provém indiretamente de Foucault, “para quem a forma mais eficaz de resistência à produção disciplinar da sexualidade em nossas sociedades liberais não é a luta contra a proibição, e sim a contraproduzibilidade”,²⁴ ou seja, a produção de formas de prazer-saber alternativas à sexualidade moderna. “Ao definir a sexualidade como um dispositivo histórico do poder, Foucault faz um movimento duplo: desnatura-a como resultado de relações de poder e identifica o foco no desejo como aquilo que as inviabilizou, permitindo que operassem”.²⁵

No âmbito do contrato contrassexual, os corpos se reconhecem não como homens ou mulheres, mas como corpos falantes e reconhecem os outros corpos como falantes. Eles reconhecem em si mesmos a possibilidade de acessar todas as práticas significantes, bem como todas as posições de enunciação como sujeitos que a história determinou como masculinas, femininas ou perversas. Portanto, eles renunciam não apenas a uma identidade sexual fechada e naturalmente determinada, mas também aos benefícios que poderiam obter com a naturalização dos efeitos sociais, econômicos e jurídicos de suas práticas significantes.²⁶

¹⁹ SPARGO, *Foucault e a teoria queer*, p. 76.

²⁰ Embora a teoria *queer* trate a sexualidade como seu objeto-chave de estudo, nos últimos anos ela tem intensificado o exame de outras categorias do conhecimento envolvendo “múltiplas práticas sociais, resistindo à americanização branca, heterossexual e colonial do mundo” (PRECIADO, *Entrevista a Jesús Carrillo*, p. 400).

²¹ LOURO, *Gênero, sexualidade e educação uma perspectiva pós-estruturalista*, p. 21.

²² PRECIADO, *Manifesto Contrassexual*, 2017.

²³ Foucault entende como biopoder, a atuação do poder sobre os corpos. Entretanto, o mesmo designará duas classificações sobre o exercício do poder, a primeira se refere ao treinamento técnico, “ortopédico”, isto é, as disciplinas e o poder disciplinar; a segunda denominação entende o corpo como pertencente a uma espécie (a população) com suas leis e regularidades (biopolítica) (FOUCAULT, *Microfísica do poder*, 1979).

²⁴ PRECIADO, *Manifesto Contrassexual*, p. 25.

²⁵ MISKOLCI, *Estranhando Foucault*, p. 87.

²⁶ PRECIADO, *Manifesto Contrassexual*, p. 21.

A contrassexualidade é a análise crítica da diferença de gênero e de sexo, fruto do contrato social heterocentrado, "cujas performatividades normativas [que] foram inscritas nos corpos como verdades biológicas [e] têm por objetivo de estudo as transformações tecnológicas dos corpos sexuados e generizados".²⁷ Além de romper com o contrato social, que é referenciado ao natural-biológico, a contrassexualidade supõe que o sexo e a sexualidade (e não somente o gênero) são compreendidos como "tecnologias sociopolíticas complexas; que é necessário estabelecer conexões políticas e teóricas entre o estudo dos dispositivos e dos artefatos sexuais."²⁸

Corpo não é naturalmente "sexuado", ele torna-se, atrás do manifesto contrassexual, parte de meios de processos culturais que utilizam a produção da sexualidade para ampliar e sustentar relações de poder específicas. Um exemplo destes novos exercícios contraprodutivos da sexualidade, que utilizam o corpo como instrumento da alta tecnologia contrassexual, é a prática do *fist-fucking* (penetração do ânus com o punho): "os trabalhadores do ânus são os novos proletários de uma possível revolução contrassexual".²⁹

Tamsin Spargo argumenta que o *queer* é categoricamente excêntrico, anormal e está em desacordo com o normal, a norma, seja a heterossexualidade dominante ou a identidade gay/lésbica. É um arcabouço teórico que luta contra a cisheteronormatividade.³⁰ As pesquisas de Butler,³¹ baseadas na teoria do abjeto de Julia Kristeva,³² na teoria da discursividade de Monique Wittig³³ e nas contribuições de J. L. Austin³⁴ e de Jacques Derrida³⁵ estabelecem a possibilidade de transformações significativas de uma invocação repetida.

Austin introduz a ideia de que falar é uma forma de ação e que os enunciados podem não apenas descrever uma realidade, mas também agir sobre ela e alterá-la. Derrida, por sua vez, expande essa noção ao questionar a fixidez do significado e ao destacar a importância do contexto na interpretação dos atos de fala, sugerindo uma fluidez e uma abertura na maneira como os significados são constituídos e reconstituídos. Butler se apropria dessas teorias para argumentar que a identidade de gênero é formada por atos repetitivos e discursos que são, eles mesmos, formas de atuação, revelando assim a natureza construída e performativa do gênero.

Essa integração das teorias de Austin e Derrida com as de Kristeva e Wittig permite a Butler desenvolver uma compreensão mais profunda e complexa da

²⁷ BUTLER, *Problemas de gênero*, p. 55.

²⁸ PRECIADO, *Manifesto Contrassexual*, p. 25.

²⁹ PRECIADO, *Manifesto Contrassexual*, p. 32.

³⁰ Entende-se que gênero é uma categoria em disputa por significados, operacionalizada por uma sofisticada tecnologia social heterocisnormativa efetivada por discursivos normalizantes, ou seja: questiona-se a heterossexualidade e cisgeneridade compulsórias, discursivamente produzidas nas relações sociais. Segundo Miskolci, a heteronormatividade é uma ordem política e social em que todos organizam suas vidas em conformidade como o padrão 'supostamente coerente' e pretensamente universal da heterossexualidade. Para o autor, "[...] a heteronormatividade é a ordem sexual do presente, fundada no modelo heterossexual, familiar e reprodutivo. Ela se impõe por meio de violências simbólicas e físicas dirigidas principalmente a quem rompe normas de gênero" (MISKOLCI, *A Teoria Queer e a Sociologia*, p. 44).

³¹ BUTLER, *Cuerpos que importan*, 2002.

³² KRISTEVA, *Powers of horror*, 1982.

³³ WITTIG, *O pensamento hétero e outros ensaios*, 2022.

³⁴ AUSTIN, *Quando dizer é fazer*. 1990.

³⁵ DERRIDA, *Assinatura Acontecimento Contexto*, 1991.

performatividade de gênero, onde a linguagem não apenas reflete, mas também constitui realidades sociais. Ao adotar e ressignificar termos pejorativos, as comunidades marginalizadas não apenas desafiam as designações abjetas impostas a elas, mas também reivindicam agência na construção de suas identidades e na resistência contra estruturas de poder opressivas. Por exemplo, um insulto reiterado que reduz as minorias sexuais a um *status* abjeto – como era o termo *queer* – pode ser ressignificado ao longo do tempo para a construção discursiva de um símbolo de resistência.

Assim, corpos abjetos³⁶ “assumem esse termo para si como forma de demonstrar sua oposição e contestação perante aqueles lugares que lhes foram designados”.³⁷ Por esse motivo, Louro entende que *queer* significa se colocar contra a normalização, seja de qualquer lugar que ela venha.

Os teóricos *queer* constituem um grupo diverso que mostra importantes desacordos e divergências. No entanto, eles compartilham alguns compromissos amplos, apoiando-se fortemente na teoria pós-estruturalista francesa e na desconstrução como um método de crítica literária e social. Eles favorecem uma estratégia descentralizadora ou desconstrutiva que escapa das proposições sociais e políticas programáticas positivas. Eles imaginam o social como um texto a ser interpretado e criticado com o propósito de contestar os conhecimentos e as hierarquias sociais dominantes.³⁸

Diante disso, o termo *queer*, sua militância e toda a sua teoria não são apenas uma defesa da diversidade da orientação sexual, mas uma recusa dos valores morais violentamente instituídos, o que se traduz em uma resistência à linha conceitual da abjeção, “mostrando-se como uma fronteira entre aqueles socialmente aceitos e aqueles que são relegados à humilhação e ao desprezo coletivo”.³⁹

Conforme descreve Marcelo Maciel Ramos, o *queer* busca transformar a vergonha em orgulho e o orgulho em vergonha.⁴⁰ “Representa a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada, e, portanto, sua forma de ação é muito mais transgressiva e perturbadora”.⁴¹ Trazer essa teoria para o campo da linguagem coloca em debate as próprias categorias universalistas do “sujeito de direitos” e ameaça todas as explicações e regulamentações sobre gênero e sexualidade, visto que o *queer* pode ser a “poc”, o “viado”, a “bicha”, a “sapatão”, a “caminhoneira”, a travesti e tantos outros/as dissidências sexuais. É a ambiguidade que instituições de poder não conseguem definir, controlar e encaixar.

A partir do momento em que instituições como o Direito e tantas outras não conseguem encaixar o *queer* na lei, na bíblia, na medicina, na psicologia e na explicação do professor, “ele assombra a norma que o exclui, ele desestabiliza todo o aparato normativo produtor de falsas verdades estáveis e normalidades ontológicas”.⁴² A perspectiva *queer* fornece uma base sólida para investigar narrativas construídas na

³⁶ A abjeção pode ser traduzida como aquilo que é rejeitado e expelido pelo – e do – sujeito, pois perturba sua identidade, a estabilidade do sistema, a ordem binária de gênero (KRISTEVA, *Powers of horror*, 1982).

³⁷ LOURO, *Gênero, sexualidade e educação uma perspectiva pós-estruturalista*, p. 546.

³⁸ SEIDMAN, *Queer Theory/Sociology*, p. 125.

³⁹ MISKOLCI, *Teoria queer*, p. 25.

⁴⁰ RAMOS, *Teorias Feministas e Teorias Queer do Direito*, p. 23.

⁴¹ LOURO, *Gênero, sexualidade e educação uma perspectiva pós-estruturalista*, p. 546.

⁴² RAMOS, *Teorias Feministas e Teorias Queer do Direito*, p. 23.

dimensão institucional, que, em vez de reconhecer sujeitos, constituem e adestram sujeitos para que se encaixem dentro de "categorias binárias, essencialistas e universais que não são, nunca foram, capazes de abarcar a variedade de corpos que emergem nas suas margens".⁴³

As críticas *queer* contribuem para o reconhecimento de corpos e vivências tidas como abjetas e desajustadas, "considerando que o sistema jurídico tem o desafio de se reinventar para pensar categorias jurídicas que superem concepções binárias e excludentes".⁴⁴ É a partir da posição ilegível e marginalizada dos discursos institucionais que o *queer* se apresenta como "possibilidade de experimentação epistemológica, de contestação coletiva, de desconstrução de tudo o que é considerado justo, essencial ou natural".⁴⁵

3. Multiplicidade de gênero

Ao longo da história, instituições como Direito, Igreja e a Medicina se apropriaram do conceito de binarismo de gênero, através de um discurso que só reconhecia o masculino e o feminino como gêneros padrões. Com a promoção do binarismo em seus discursos, aquelas instituições acabaram por oprimir as dissidências sexuais ou de gênero que não se subordinam à matriz cisheteronormativa.⁴⁶

Nesse sentido, os estudos *queer*, aplicados à linguagem, podem contribuir nos processos de intensificação das performances das (des)identidades sexuais/gênero e na redefinição de todas as relações de poder e saber inerentes à nossa sociedade, haja vista que as hierarquias entre os gêneros/sexos estabelecidas através do binarismo têm como fim a divisão biológica de machos e fêmeas, o que dicotomiza a vida humana e limita as subjetividades, condicionando esses sujeitos a uma única categoria.⁴⁷

Os discursos que acima de tudo nos oprimem, lésbicas, mulheres e homens homossexuais, são aqueles que tomam como certo que a base da sociedade, de qualquer sociedade, é a heterossexualidade. Estes discursos falam sobre nós e alegam dizer a verdade num campo apolítico, como se qualquer coisa que significa algo pudesse escapar ao político neste momento da história, e como se, no tocante a nós, pudessem existir signos politicamente insignificantes. Estes discursos da heterossexualidade oprimem-nos no sentido em que nos impedem de falar a menos que falemos nos termos deles.⁴⁸

Importante mencionar que a linguagem contribui, em certa medida, nesse processo de perpetuação e produção de formas de regulação por meio do binarismo de gênero. Charles Taylor⁴⁹ argumenta que a linguagem desempenha um papel fundamental

⁴³ TORRES; FERNANDES, *Desidentificação crítica ou notas sobre uma estética das multiplicidades*, p. 156.

⁴⁴ BAHIA, *Sobre a (in)capacidade do direito de lidar com a gramática da diversidade de gênero*, p. 488.

⁴⁵ RAMOS, *Teorias Feministas e Teorias Queer do Direito*, p. 22.

⁴⁶ PRECIADO, *Manifesto Contrassexual*, 2017.

⁴⁷ BUTLER, *Problemas de gênero*, 2019.

⁴⁸ WITTIG, *O pensamento hétero e outros ensaios*, p. 56.

⁴⁹ Charles Taylor destaca a linguagem como o ponto de partida para a formação da personalidade, diferenciando-se de Tomasello e Ingold, que situam o processo inicial no "engagement", ou seja, na capacidade de compartilhar intencionalidade ou socialidade. Apesar dessa distinção inicial,

na criação de um mundo onde a capacidade humana pode ser realizada. Para ele, isso implica que as linguagens transmitidas pela comunidade por meio da educação e pelos atos de fala são a base para nutrir os valores e ideais que mantêm essa comunidade viva. Indivíduos iniciam sua formação ao assimilar a cultura e seus símbolos.⁵⁰

Assim, as interpelações médicas que dizem: “é menina” ou “é menino”, bem como o registro de nascimento, logo após o nascimento de crianças, servem como mecanismo que visa materializar os corpos nas categorias binárias. “Nesse momento, instala-se um conjunto de expectativas e suposições em torno desse corpo”.⁵¹ Essas suposições e expectativas tentam antecipar o que seria o mais natural, o mais coerente para o corpo que se tem, e após o nascimento, as expectativas materializam-se em desejos, gestos, brinquedos, cores e roupas.

Segundo Paul Preciado, “nenhum de nós escapou da mesa de operações performática que diz: ‘é um menino!’ ou ‘é uma menina!’”.⁵² Nem mesmo as pessoas intersexo⁵³ que, por mais que “põem em xeque o automatismo performativo da mesa de operações”,⁵⁴ tornam-se corpos desfeitos, mutilados e incapazes de serem vistos fora do padrão binário.

Dessa maneira, os corpos devem seguir os espectros de continuidade e coerência dos “gêneros inteligíveis”.⁵⁵ Contexto em que os corpos femininos aparecem referenciados na maternidade e os masculinos, na virilidade. Ocasão em que a mulher de verdade deve “dar-se ao respeito”, “não deve ser vulgar”, “não tomar a iniciativa da conquista”; o homem de verdade deve “ser forte”, “ter iniciativa” e “ser sexualmente ativo”. Essas idealizações, estereótipos e papéis dos gêneros “estabelecerão os domínios da masculinidade e feminilidade apropriados e impróprios e estarão fundamentadas no dimorfismo ideal e na complementaridade heterossexual dos corpos”.⁵⁶

acreditamos que essas teorias não são mutuamente exclusivas, mas, pelo contrário, se complementam. Tomasello aborda a história natural da espécie, tanto filogeneticamente quanto ontogeneticamente, enquanto Ingold reflete sobre o tratamento da espécie humana pelas ciências. Enquanto isso, Taylor explora o mundo moral do indivíduo moderno já imerso em suas culturas e em processo de formação de sua personalidade. Em um contexto específico, podemos compreender por que a tese de que a linguagem é o elemento que introduz o indivíduo no mundo humano, repleto de significados e valores morais, é aceitável, como Ingold chamou de “condição humana” (TAYLOR, *The ethics of authenticity*, 1991).

⁵⁰ TAYLOR, *The ethics of authenticity*, 1991.

⁵¹ BENTO, *A reinvenção do corpo*, p. 88.

⁵² PRECIADO, *Manifesto Contrassexual*, p. 60.

⁵³ A simplicidade para designar se um recém-nascido é menino ou menina, a partir da observação dos genitais, desaparece quando sua conformação não é evidente. E é nesse contexto que nascem crianças com “estados intersexuais”, que variam entre as características, genitais, gonadais e padrões cromossômicos que não se encaixam nas típicas noções binárias de corpo. “Os corpos intersexo desafiam a ideia de que o corpo é uma unidade estável e dotada de níveis constitutivos – molecular, cromossômico, gonadal, hormonal, genital, social e psicológico – necessariamente coerentes entre si” (LOPES, *Corpos e práticas da personalidade*, p. 128). Para saber mais consultar: (FERREIRA, *Mesa de operações*, p. 71).

⁵⁴ PRECIADO, *Manifesto Contrassexual*, p. 131.

⁵⁵ Judith Butler denomina como gêneros “inteligíveis”, aqueles corpos que instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. Os espectros de descontinuidade e incoerência, são concebíveis em relação a normas existentes de continuidade e coerência, são constantemente proibidos e produzidos pelas próprias leis que buscam estabelecer linhas causais ou expressivas de ligação entre o sexo biológico, o gênero culturalmente constituído e a “expressão” ou “efeito” de ambos na manifestação do desejo sexual por meio da prática sexual (BUTLER, *Problemas de gênero*, p. 43).

⁵⁶ BENTO, *A reinvenção do corpo*, p. 34.

A partir disso, é preciso pensar que instituições como o Direito, Igreja e a Medicina imputam o binarismo de gênero aos sujeitos, através da linguagem, justamente para regular as mais diversas situações da vida. Estes discursos institucionais "negam-nos toda a possibilidade de criar as nossas próprias categorias".⁵⁷ De um lado, a categorização de um gênero tem consequências jurídicas; de outro, atribui-se a essa pertença no dia a dia relevância prática, dentre as quais destaco: a necessidade de registro para fins de identificação e validação de dados ou para fins de natureza estatal. Assim, por exemplo, a certidão de nascimento, a identidade, o passaporte, o cartão de saúde e tantos outros documentos, contém a indicação do gênero/sexo da pessoa.

Desse modo, a simples apresentação de uma certidão de nascimento e/ou de uma declaração de registro de nascimento perante autoridade pública, tribunais ou terceiros, gera uma série de situações que necessariamente têm repercussão a partir do gênero a que lhe foi atribuído. Por exemplo, a apresentação da certidão de nascimento é necessária, dentre outras finalidades, para acesso à educação e atendimento à saúde – condições essenciais para uma vida digna, que agora são definidos a partir de um espectro binário.

Diante desse contexto, a linguagem será a base para a construção do que Judith Butler designou como "normas de gênero" e terá como finalidade estabelecer aos corpos expressão legítima. O corpo é identificado como um meio passivo sobre o qual se inscrevem significados culturais, bem como desejos e prazeres, ou, então, "como o instrumento pelo qual uma vontade de apropriação ou interpretação determina o significado cultural por si mesma".⁵⁸ Em ambos os casos, o corpo é representado como um instrumento que acumula um conjunto de significados culturais. "O corpo é um mediador da realidade/personalidade, serve-se à transformação".⁵⁹

As repetições materializadas ao gênero "funcionam como citações, e cada ato é uma citação daquelas verdades estabelecidas para os gêneros, tendo como fundamento para a sua existência a crença de que são determinados pela natureza".⁶⁰ Desse modo, a linguagem inicialmente revela seu poder sobre o corpo. Posteriormente, as características secundárias de corpos femininos e corpos masculinos tais como: seios, roupas, corte de cabelo, tatuagens, músicas, perfis no Instagram, Twitter/X, Grindr, Tinder, OnlyFans e etc., reafirmam esse poder, determinando o que é ser homem e ser mulher.

Para Monique Wittig, a linguagem é instrumento poderoso nas teorias modernas e nas ciências sociais, entrando inclusive nas discussões políticas dos movimentos de libertação da sexualidade. Isso acontece porque a "linguagem relaciona-se com um importante campo político onde o que está em jogo é o poder, ou, mais ainda, uma rede de poderes, uma vez que existe uma multiplicidade de linguagens que constantemente agem sobre a realidade social".⁶¹

Em anos recentes em Paris, a linguagem enquanto fenômeno tem dominado os sistemas teóricos modernos e as ciências sociais, e entrou nas discussões políticas dos movimentos de libertação das lésbicas e das mulheres [...]. A importância da linguagem enquanto tal como um interesse no jogo político foi apenas recentemente percebida. Mas o gigantesco desenvolvimento da linguística, a multiplicação das

⁵⁷ WITTIG, *O pensamento hétero e outros ensaios*, p. 56.

⁵⁸ BUTLER, *Diagnosticando o gênero*, p. 29.

⁵⁹ STANCIOLI, *Corpo, Informação e tecnociências*, p.14.

⁶⁰ BENTO, *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*, p. 90.

⁶¹ WITTIG, *O pensamento hétero e outros ensaios*, p. 55.

escolas linguísticas, o advento das ciências da comunicação, e o tecnicismo das metalinguagens que estas ciências utilizam, representam os sintomas da importância daquilo que está em jogo politicamente. A ciência da linguagem invadiu outras ciências, como a antropologia através de Levi-Strauss, a psicanálise através de Lacan, e todas as disciplinas que se desenvolveram com base no estruturalismo.⁶²

O poder da linguagem sobre os corpos pode ser vista, em primeiro momento, como causa da opressão sexual. No entanto, o uso da linguagem também pode servir como um caminho para ir além dessa opressão. A linguagem não funciona magicamente e nem inexoravelmente: "há uma plasticidade do real em relação à linguagem: a linguagem tem uma ação plástica sobre o real".⁶³ A dominação através da linguagem, segundo Judith Butler, ocorre por intermédio da sua ação social plástica e artificial que se transforma em realidade. Em outras palavras, a linguagem é investida do poder de criar o "socialmente real" e "atuar sobre o real por meio de atos elocutivos que, repetidos, tornam-se práticas consolidadas entre os sujeitos falantes".⁶⁴ Dessa forma, praticar atos de linguagem com o viés de multiplicar o binarismo de gênero, na opinião de Monique Wittig, nos dará a oportunidade de criar inúmeras subjetividades.

Diante disso, o desafio atual consiste em tornar a linguagem um meio de representação e produção, "tratá-la como um instrumento que constrói invariavelmente o campo dos corpos e que deve ser usado para desconstruí-lo e reconstruí-lo, fora das categorias opressivas do sexo".⁶⁵ Temos então que a linguagem é uma instituição que pode ser radicalmente (re)transformada.⁶⁶

Ademais, as contribuições de Monique Wittig e Judith Butler nos permitem pensar o corpo lésbico não como um corpo feminino (mulher) e o corpo gay não como um corpo masculino (homem). Estamos diante, na verdade, do que Sam Bourcier chamou de "multiplicação de gêneros".⁶⁷ Na perspectiva dele, o gênero deixou de ser binário – somente homens e mulheres – e se tornou múltiplo. "Ao invés de existir apenas homens e mulheres, passamos a enxergar vários gêneros como lésbicas, gays, bichas, sapatões, viados, trans e muitos outros. O modelo deixou de ser dois sexos – dois gêneros – e se tornou n-sexos – n-gêneros".⁶⁸

O modelo que aborda "n-sexos e n-gêneros" se diferencia do modelo opressivo e cisheteronormativo da diferença sexual. Ele representa uma alternativa para a ação política e a formação de subjetividades *queer* a partir da linguagem. Ao defender isso, colocamos em discussão a importância da autodeterminação de (des)identidades. Considerar as mudanças e as (re)interpretações das (des)identidades como produtos das relações humanas e, portanto, sujeitos à resignificação por meio de práticas políticas e epistêmicas, criar novas possibilidades de experiências no campo dos desejos e dos

⁶² WITTIG, *O pensamento hétero e outros ensaios*, p. 55.

⁶³ WITTIG, *The mark of Gender*, p. 4.

⁶⁴ BUTLER, *Problemas de gênero*, p. 171.

⁶⁵ BUTLER, *Problemas de gênero*, p. 181.

⁶⁶ A estratégia narrativa de uma linguagem multiplicadora proposta por Monique Wittig não é colocar o feminino em primeiro plano e excluir o masculino, mas na verdade o que se busca é uma reapropriação e descolamento subversivo daqueles "valores" que originalmente pareciam pertencer ao domínio cisheteronormativo.

⁶⁷ BOURCIER, *Cinquante nuances de genres (et de sexes) ou plus?*.

⁶⁸ BOURCIER, *Cinquante nuances de genres (et de sexes) ou plus?*, p. 20.

prazeres, desafia as estruturas cisheteronormativas que limitam o entendimento e a expressão da sexualidade e do gênero.^{69 70}

O que deve se buscar através da linguagem é a "subversão interna, em que o binário tanto é pressuposto como multiplicado, a ponto de não mais fazer sentido".⁷¹ Assim, com o interesse de desafiar a órbita cisheteronormativa, "teóricos e teóricas *queer* sugerem que é fundamental uma mudança efetiva que desestabilize e destrua a lógica binária de gênero e seus efeitos controladores: a exclusão, a hierarquia, a classificação, a dominação, a segregação".⁷²

4. Queerclusão

A evolução dos estudos acerca do gênero e sexualidade, ao longo da história, é um testemunho da capacidade humana de se adaptar e evoluir nas questões que moldam nossa sociedade. Desde os dias em que a sexualidade era estritamente regulamentada e moralmente sancionada até o atual momento de discussões complexas e análises profundas, o pensamento evoluiu graças a pensadores como Michel Foucault, Paul Preciado, Judith Butler, Monique Wittig e tantos outros/as.

Foucault, ao destacar a natureza histórica e enraizada nas relações de poder da sexualidade, lançou as bases para a teoria *queer* – uma abordagem não conformista que desafia as normas tradicionais de gênero e sexualidade. A teoria *queer* desempenha um papel fundamental na resistência à hegemonia cultural e na promoção da diversidade e da contestação das normas sociais.

Além disso, a influência do pensamento *queer* se estende ao campo do Direito, no qual o binarismo de gênero muitas vezes oprime aqueles que não se encaixam nas categorias tradicionais. A linguagem desempenha um papel crítico nesse contexto, tanto como ferramenta de opressão quanto como meio de desconstruir e reconstruir as categorias binárias de gênero.

As reflexões traçadas neste artigo nos permitem lembrar a importância de abraçar a diversidade, questionar as normas estabelecidas e utilizar a linguagem de forma consciente e inclusiva. Com base nisso, é necessário realizar algumas propostas para (re)pensar o uso da linguagem, das quais destaco: (i) reconhecer os corpos por meio da linguagem, promovendo a educação inclusiva desde a infância, para que as crianças cresçam com uma compreensão respeitosa das diversas (des)identidades corporais; (ii) colocar os corpos falantes em destaque, isto é, incentivar a criação de espaços seguros onde as pessoas possam compartilhar suas experiências, permitindo que as narrativas individuais enriqueçam nossa compreensão coletiva; (iii) (re)pensar a multiplicidade de gênero por meio da pesquisa e produção cultural que desafiem a rigidez binária e promovam a fluidez e diversidade de (des)identidades e (iv) (re)construir a linguagem aplicada aos corpos por meio de glossários e recursos linguísticos que auxiliem na comunicação respeitosa.

⁶⁹ BUTLER, *Problemas de gênero*, 2019.

⁷⁰ PRECIADO, *Multidões queer*.

⁷¹ BUTLER, *Problemas de gênero*, p. 183.

⁷² BORBA, *Linguística queer*, p. 98.

Essas propostas buscam uma transformação profunda na forma como a sociedade percebe e se comunica sobre questões de gênero, promovendo a diversidade e o respeito pelas diferentes experiências corporais e (des)identidades de gênero.

Referências

- AUSTIN, John Langshaw. *Quando dizer é fazer*. Trad. Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BAHIA, Alexandre Gustavo Melo Franco de Moraes. Sobre a (in)capacidade do direito de lidar com a gramática da diversidade de gênero. *Revista Jurídica da Presidência*, Brasília, v. 18, n. 16, pp. 481-506, jan. 2017.
- BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- BORBA, Rodrigo. Linguística queer: uma perspectiva pós-identitária para os estudos da linguagem. *Revista Entrelinhas*, São Leopoldo, v. 9, n. 1, pp. 91-107, out. 2015.
- BOURCIER, Sam. Cinquante nuances de genres (et de sexes) ou plus? Les genres en action: entre karaoké de la différencesexuelle et politiquesmultisexgenrées. In: LEDUC, Guyonne. *Comment faire des études-genres avec de la littérature*. Paris: L'harmattan, 2014. pp. 1-20.
- BUTLER, Judith. *Cuerpos que importan: sobre los limites materiales y discursivos del "sexo"*. Buenos Aires: Paidós, 2002.
- BUTLER, Judith. Diagnosticando o gênero. Trad. André Rios. Revisão Técnica Márcia Arán. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, pp. 95-126, 2009.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. 17. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- CARRLILLO, Jesús. Entrevista com Beatriz Preciado. *Cadernos Pagu*, Campinas, s/v, n. 28, pp. 375-405, jan./jun. 2007.
- COHEN, Stanley. *Folk Devils and Moral Panics: The Creation of Mods and Rockers*. London: Harper Collins, 1972.
- DE LAURETIS, Teresa. Queer Theory: Lesbian and Gay Sexualities - An Introduction. *Differences: A Journal of Feminist Cultural Studies*, Durham, v. 3, n. 2, jul. 1991.
- DERRIDA, Jacques. Assinatura Acontecimento Contexto. In: DERRIDA, Jacques. *Margens da Filosofia*. Trad. Joaquim Torres Costa; Antônio M. Magalhães. Campinas: Papyrus, 1991. pp. 349-373.
- FAUSTO-STERLING, Anne. Dualismos em duelo. *Cadernos Pagu*, Campinas, s/v, n. 17-18, pp. 9-79, mar. 2001.
- FERREIRA, Geraldo Lucas Lopes. Mesa de operações: o Direito à autodeterminação de corpos intersexo sob uma perspectiva queer antinormalizadora. In: ZINI, João Felipe; RAMOS, Marcelo Maciel; NICOLI, Pedro A. Gravatá (orgs.). *Reflexões e reinvenções em gênero e sexualidade: identidades, preocupações e cuidado num contexto político e sanitário adverso*. Belo Horizonte: Dialética, 2023. pp. 71-91.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque; J. A. Guilhon Albuquerque. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. 1. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GAMA, Maria Clara Brito da. Cura Gay? Debates parlamentares sobre a (des)patologização da homossexualidade. *Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana*, s/v, n. 3, pp. 4-27, apr. 2019.

KRISTEVA, Julia. *Powers of horror: an essay on abjection*. New York: Columbia UP, 1982.

LOPES, Laís Godoi. *Corpos e práticas da pessoalidade: a emergência e a desconstrução da identidade de gênero*. 2014. Dissertação (Mestrado em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Proposições*, Campinas, v. 19, n. 2 (56), pp. 17-23, mai./ago. 2008.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. *O corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MISKOLCI, Richard. A teoria queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. *Dossiê Sociologias*, Porto Alegre, ano 11, n. 21, jan./jun. 2009.

MISKOLCI, Richard. Pânicos morais e controle social: reflexões sobre o casamento gay. *Cadernos Pagu*, Campinas, s/v, n. 28, pp. 101-128, abr. 2007.

MISKOLCI, Richard. *Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

PRECIADO, Beatriz. Multidões queer: notas para uma política dos 'anormais'. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 19, n. 1, pp. 11-20, jan/abr. 2011.

PRECIADO, Paul. *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1, 2017.

RAMOS, Marcelo Maciel. Teorias feministas e teorias queer do direito: gênero e sexualidade como categorias úteis para a crítica jurídica. *Revista Direito e Práxis*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, pp. 1679-1710, set. 2021.

RUBIN, Gayle. *Políticas do sexo*. Trad. Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Ubu, 2017.

SEIDMAN, Steven. *Queer Theory/Sociology*. Malden: Blackwell, 1996.

SPARGO, Tamsin. *Foucault e a teoria queer: seguindo de Ágape e êxtase: orientações pós-seculares*. Trad. Heci Regina Candiani. In: MISKOLCI, Richard. *Estranhando Foucault: uma releitura queer de História da sexualidade I*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

STANCIOLI, Brunello. Corpo, Informação e tecnociências: a manipulação da plataforma empírica dos direitos fundamentais. In: DOMINGUES, Ivan (org.). *Bioteχνologias e regulações: desafios contemporâneos*. Belo Horizonte: UFMG, 2018, pp. 309-322.

STOLLER, Robert. *Sex and gender: the development of masculinity and femininity*. New York: Science House, 1968.

TAYLOR, Charles. *The ethics of authenticity*. Cambridge: Harvard University Press, 1991.

TORRES, Igor Leonardo de Santana; FERNANDES, Felipe Bruno Martins. Desidentificação crítica ou notas sobre uma estética das multiplicidades: do materialismo lésbico de Wittig às suas interpretações queer. *Revista Ártemis*, João Pessoa, v. 35, n. 1, pp. 151-167, jan-jun, 2023.

WITTIG, Monique. *O pensamento hétero e outros ensaios*. Trad. Maíra Mendes Galvão. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

WITTIG, Monique. The mark of Gender. *Feminist Issues*, v. 5, s/n, pp. 3-12, 1985.

SOBRE O AUTOR

Geraldo Lucas Lopes Ferreira

Advogado. Doutorando em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestre em Direito e Inovação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Bacharel em Direito pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG - campus Diamantina). *E-mail:* gllf.adv@gmail.com.